



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE - ICA

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

JOSÉ DANILO RODRIGUES CAMPOS NETO

E

VANDEMBERG DOS SANTOS DOMINGOS

**FUTUROLOGIAS EM QUEDA: UM EXPERIMENTO EM PERFORMANCE E
AUDIOVISUAL**

FORTALEZA/CE

2021

JOSÉ DANILO RODRIGUES CAMPOS NETO

VANDEMBERG DOS SANTOS DOMINGOS

**FUTUROLOGIAS EM QUEDA: UM EXPERIMENTO EM PERFORMANCE E
AUDIOVISUAL**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C213f Campos Neto, José Danilo Rodrigues.
Futurologias em queda: Um experimento em performance e audiovisual / José Danilo Rodrigues Campos Neto. – 2021.
36 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa.

1. corpo. 2. pandemia. 3. performance. 4. audiovisual. I. Título.

CDD 792.8

JOSÉ DANILO RODRIGUES CAMPOS NETO

VANDEMBERG DOS SANTOS DOMINGOS

**FUTUROLOGIAS EM QUEDA: UM EXPERIMENTO EM PERFORMANCE E
AUDIOVISUAL**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa

Aprovado em: : ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa
(Orientador) Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Carolina da Rocha Mundim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Thereza Cristina Rocha Cardoso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

**Agradecemos à Profa. Dra. Thaís Gonçalves
pela orientação do projeto escrito.**

RESUMO

Este trabalho é uma produção artística em audiovisual agregando elementos ficcionais às nossas experiências de corpo durante a pandemia do Novo Coronavírus/ Covid-19, nos anos de 2020/21, na cidade de Fortaleza-CE. Como um exercício precedente à obra artística elaboramos o seguinte texto, com orientação da Professora Doutora Thaís Gonçalves (UFC), para tornar consciente nossas vivências em dupla, revisitando as memórias dos passeios exploratórios que fazíamos pela cidade no período pré-pandêmico, relatando situações vividas na pandemia – o que nomeamos como *corpo pandêmico* – e nos preparando conceitualmente para experimentar, em vídeo, uma fabulação do que seria um período pós-pandêmico. A concretização deste trabalho se deu sob orientação do Professor Doutor Pablo Assumpção (UFC) com a edição das gravações de ações performáticas que propomos a nós mesmos, nas quais aconteceu um talk show experimental, ao vivo, cujo resultado pode ser visualizado por meio do seguinte link: <https://youtu.be/Qhowpj39VWw>

Palavras-chave: corpo, pandemia, performance, audiovisual.

ABSTRACT

This project is an artistic audiovisual production which applies fictional elements to our body experiences during Covid-19 pandemics (2020/21), in Fortaleza, Ceará. Before starting the audiovisual production, we wrote this document, with advising by Professor Thaís Gonçalves (Universidade Federal do Ceará - UFC), as a way to put in words our experience as a duo, looking back to memories from when we used to explore the city during the pre-pandemic period. This document reports situations we have lived in pandemic times, what we called *pandemic-body*, and works as a preparation to experiment in video an idea of what could be a post-pandemic period. For the final product we had as advisor the Professor Pablo Assumpção (UFC). The result was an experimental talk show recorded remotely with guests, as others performances. The video can be watch in the follow address: <https://youtu.be/Qhowpj39VWw>

Keywords: body, pandemics, performance, audiovisual

Alguns direcionamentos dispostos no cronograma deste trabalho para a execução do registro audiovisual precisaram ser adaptados e reinventados para cumprir as recomendações de combate ao Covid-19, tais como a restrição de circulação em espaços públicos e o isolamento social.

SUMÁRIO

1. Apresentação: Talk-show das VanDannLas - Roteiro performativo.....	11
2. Problematização: No país do pré-pan-pós.....	16
3. Justificativa: Por que Babi e Tobel estão às voltas com o pré-pan-pós?.....	22
4. Recorte do problema: especulações-performativas VanDannLas	26
5. Objetivos: O que querem as VanDannLas?.....	28
6. Metodologia: Babi e Tobel em VanDannLismos criativos.....	30
7. Cronograma:	33
8. Referências:.....	34

1. Apresentação: Talk-show das VanDannLas - Roteiro performativo¹

Instrução: Ouvir durante a leitura o áudio contido no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Sj7A8SX7ccl>

Imagine: Duas poltronas, duas personas (Babilônia, vulgo Babi, e Torre de Babel, vulgo ToBel: As VanDannLas) separadas por uma televisão. Este é um talk-show em tempos de pandemia.

- Ai Babi, eu tô tão cansada!
- É ToBel, ser um corpo pandêmico cansa qualquer beleza!
- Que era é essa, criatura?
- Quero de volta aquele corpo pré-pandêmico!
- Esse corpo pan é que não dá! Todo caído, mulher!
- Ai, quer saber? Que caia mesmo, de uma vez! A gente precisa é transmutar esse corpo que a gente tem agora, ToBel. Pense na gente pós-pandemia?
- Eu fico tentando pensar no meu corpo pós-pandêmico, Babi!
- Pior, que corpo será esse, heim? O que será de nós após essa tragédia ToBel?
- Que corpo a gente vai se tornar na era pós-pandêmica, hein?
- Vixe, não faço ideia, ó! Mulher, vamos ver se a bola digital revela alguma coisa?

¹ O texto desta seção é o roteiro de um *talk-show* e foi escrito em linguagem informal e cotidiana, obedecendo o fluxo de uma conversa entre duas personas que habitam a cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará.

Efeitos sonoros e de iluminação.

- Smartphone, smartphone meu, o que será feito do corpo pandêmico meu?

Sons de pássaros futuristas, sons de vento. Tom Zé: “eu estou te explicando para te confundir. Eu estou te confundindo que é para te explicar”.

Voz do oráculo digital com interferências de ruídos:

Um vírus microscó...beep! ...da existência humana; um professor, um carro...brrzz!
que não fala, não escuta e não tem for...beep! ...que veio mostrar...brrzz! ...ida da
natureza...beep!...se conect...brrzz!...conectar...beep!...conectar...brrzz! ...permanecer
existen...brrzz!...natureza...beep!...manifest...beep!...invisível...beep!...grande poder
invisível...beep!...temporalida...beep!...mistas...passado,presen...beep!...uturo...brrz
z!...progres...brrzz!...mazela...brrzz!...quimera...beep!...existência
planetária...desabam...buraco cósmico.. (brrzz!)...morte...finitude...infinito...
(beep!)...fragilizado...cambaleiam... desequilibram... no pré, no pan e nem no pós
pandêmico.

Fim do oráculo.

- Mulher, como diz nossa amiga Primes, ‘que Putaria é essa’ desse oráculo??!!! Ai Babi, eu tô tão cansada! Mas também sinto aquela sensação meio ancestral de medo, sabe? Pelo visto, não vai ser nada fácil assim saber o que vai ser de nós no período pós-pandêmico.

- Tobel, estou aqui lembrando daqueles caminhos na era pré-pandêmica. A gente pedalando com nossos corpinhos pré-pandêmicos de um lado pro outro gritando nossos nomes na madrugada. Lembra quando descemos aquelas avenidas de bicicleta e você ficou gritando: BABIIIIIIII e eu gritando: EU TÔ MUITO LOUOUOUUCA!!!?

- Nossa Babi, a gente gritou tanto, gritos que vinham da alma, como se não fosse haver amanhã.

- Sim e esse amanhã ainda não chegou mesmo, que a gente ainda tá esperando, a noite chegou e nunca mais amanheceu.

- Putz, tantas noites vividas na era pré-pandêmica, né?! Tantos shows na praia... a sensação da areia, o vento, o calor das outras pessoas. Calor das outras pessoas? Mas te dizer, hoje dá até uma sensação de Pânico.

- Tobel, eu lembrei do Deus Pan, quando você falou do Pânico.

- Mulher, deus Pan? Só se for o deus Pânico mesmo, que tomou de conta da nossa vida... Pan, Pânico, Pan, Pan-dêmico, Pan-demia, Pan-demônio.

- Tobel, a senhorita esqueceu do Pan-sexual, o que me faz lembrar das nossas viagens pelo centro da cidade, naquelas ruas estranhas e obscuras. Onde passamos em frente aos cinemas eróticos e saunas. Nossos olhos viram tantas coisas nesses momentos pré-pandêmicos, neh?!

- Siiim, Babi, tantos corpos de diferentes tipos e de sexualidades diversas, sedentos, buscadores do prazer (pan) sexual.

- Entrando nesse assunto de sexualidade, lembrei do show na Praia Atolada de Iracema Beach daquela cantora Lesbo Futurista Mariná Lema. Tantos corpos colados, trocando sensações, umas já conhecidas e outras nem tanto.

- Passada... “Eu espero acontecimentos...” era assim que ela dizia?

- Era sim, Tobel. Lembro dos nossos corpos experimentando múltiplas sensações; do vento na cara, da música saindo pelas caixas gigantes do palco e reverberando na nossa caixa torácica, da cerveja e vinho descendo pela garganta e do estado de alerta provado pela vontade de agarrar alguém e beijar. Sentir seu corpo em conexão com o do outro.

-Babiiii, e aquele momento que tu encontrou uma desconhecida e começou a dançar, cantar e abraçar??

- Foi tudooo, Tobel. Ela se jogou entre a gente!!! Aí nos abraçamos, nós três.

- Queria de novo...mas por enquanto...Ai Babi... eu tô tão cansada...

- Tobel, já faz um ano terreno que estamos passando por essa pandemia viral que barrou a nossa possibilidade de construir novas histórias com essa cidade.

- Pior, aquele carnaval foi o truque, viu?! Quando vi aqueles bombeiros lá em cima daquela guarita usando máscara e a multidão super desprotegida e trocando todo tipo de fluido, na ingenuidade ou no desconhecimento sobre o que estava vindo, eu pensei “Aí tem...” lembra que te falei isso?

- Lembro sim. E tipo Tobel, nós mesmas estávamos brincando, mas já pressentindo que aquilo não iria dar certo. Mas acredita que eu ainda confiava que antes de chegar aos nossos corpos apareceria uma solução? Até que bêbadas com smartphone na mão, lemos na mídia que o primeiro caso tinha chegado à cidade! Pan pan pan pan, pan pan (vinheta plantão da Globo).

- Babi, nesse momento não tinha pra onde correr, a gente já tava trancada numa rua sem saída, ali a gente começou nossa queda, era o corpo pandêmico que se anunciava...

- Ai Tobel, e a gente voltando naquela van, com medo... o corpo contraído, o medo do contato, o medo de fluidos corporais espalhados naquele espaço minúsculo e perigoso. Lembro de tu me dizendo que Topics são anexos do submundo aqui na terra. E naquele momento eu entendi corporalmente o que tu falou.

- Sim, foi punk viu?! E hoje a gente tá aqui nesse submundo que escorreu daquela Topic pras ruas, pras casas e tomou de conta dos nossos corpos.

- Eu fui uma pessoa invadida por essa pandemia... O vírus conseguiu invadir meu organismo. Meu corpo ficou mais que pandêmico. Afinal, antes mesmo de adentrar meu organismo, ele já estava pandêmico. A doença já estava afetando meu psicológico. Medo, medo, receio, receio. Eu estava invadido pelo excesso de cuidado que de certa forma não me protegeu de tudo que passei depois.

- E assim Babi, o que mudou no teu corpo? O que tu sente hoje que não sentia na era pré-pandêmica, com seu corpinho pré-pandêmico?

- Meu organismo foi violentado, mulher. Muitas coisas mudaram no meu corpo depois do Vírus. Na pré-pandemia eu dançava com toda liberdade, testando o limite

dos meus pulmões sem medo. Hoje não consigo pedalar muitos minutos de bicicleta sem ficar ofegante.

- Siiim, eu lembro que tu pedalava muito, eu ficava impressionada...

- Pois é! E eu tenho um corpo dançante-consciente, então entendo o que está acontecendo, percebo qual o caminho que o ar faz nos meus espaços internos e assim eu tento coordenar com exercícios de respiração, sabe?! Outra sequela Tobel, foi a de não poder molhar os pés com água fria ou tomar aquela nossa bela amiga cervejinha. (Risos) Saudades!! Se fizer uma dessas duas coisas meu corpo fica gelado e a falta de ar ataca com mais intensidade. Não sinto saudades do meu corpo pré-pandêmico, porque o corpo pandêmico me fez mais atenta comigo mesma e sei que aos poucos essa auto-observação vai me permitir uma potência de corpo maior, mas sim, continuo na tentativa de lidar com esse corpo do momento, este corpo Pan. Esse corpo pânico.

- Entendi. É punk, viu?! Ai Babi, essa pandemia me fez cansada e triste, sabe? Eu tenho medo de não saber mais abraçar, enquanto o abraço é algo de que a gente precisa. Do toque, da temperatura. É aquela coisa que, de tanto ficar só você vai se acostumando ou aceitando a solidão. Os contatos passaram a ser virtuais e muito fugidios. Só a tela não dá conta do que a gente é e precisa. Eu sinto que vou murchando, murchando... e ao mesmo tempo me ponho em estado de alerta quando preciso ir ao encontro do mundo. Tipo, o quarto e a casa viraram uma estação espacial que guarda oxigênio e suprimentos, enquanto a rua e os lugares viraram, num primeiro momento, um vazio perigoso. A cada esquina uma curva cósmica, um buraco negro repleto de partículas virais prontas para invadir nossos corpos. Criatura, essa experiência inédita produziu esse estado de alerta no meu corpo é necessário pra gente se proteger e sobreviver, apesar do constante medo.

- Que papo uó, Tobel. Chega de tragédia! Fim para o baixo astral! Tá na hora da gente mudar essa história. Que tal a gente consumir nossa imaginação pensando num corpo pós-pandêmico? Esse Pan aqui já deu o que tinha de dar pra mim. Essas questões são muito intensas pra uma vida só, a gente precisa é caminhar de novo na praia com liberdade e vislumbrar um possível corpo que não carregue o peso de ter que lidar com questões ultrapassadas. Queria tanto puxar uma

suposição de como vai ser esse corpo pós-pandêmico. Tu quer vir comigo nessa viagem cósmipócalipcybernética? Mas pra isso a gente vai ter que puxar vários amigos nossos, do italiano Giorgio Agamben até Donna (Summer) Haraway para nos acompanhar e ajudar inventar esse admirável mundo novo, né Huxley?

- É, mas o lance mesmo, Babi, é o David Bowie, a Brigitte Bardot e a Gal. TUDO! A gente pode também mapear no nosso corpo, as sensações de tudo isso que a gente viveu, o que ainda resta em nós de toda essa experiência. Porque essas memórias estão aqui, gritando, na nossa pele e nos perguntando o que iremos fazer com elas. Transmutá-las? Resignificá-las? Esquecê-las? Eternizá-las? Vamo ficá atenta pra ver como elas podem guiar nosso corpo pra uma possível criação de algo...

- Sim, Tobel! TUDO!! Agora é partir para ação e ver o que surge dela.

2. Problematização: No país do pré-pan-pós.

Babi e Tobel são diminutivos personificados para Babilônia e Torre de Babel. Babilônia é uma cidade histórica conhecida como lugar de grande confusão, onde as leis de Deus eram desobedecidas. Torre de Babel é lugar de discórdia, após uma praga de Deus sobre os homens que passaram a falar em línguas diferentes ao tentar construir uma torre para o céu. Babi e Tobel somos nós, as VanDannLas. Um encontro de personas que se conheceram na graduação em Dança da Universidade Federal do Ceará. Dessa parceria está sendo construído este projeto de conclusão de curso que tem como objetivo questionar, cenicamente, a experiência dos corpos em situação de pandemia, mais especificamente a do Coronavírus/Covid-19, que nos atingiu, em Fortaleza/Ceará, em meados de março de 2020. Uma pandemia que parece colocar nossos corpos em queda: de certezas, de valores, de relações consigo e com o mundo.

Tal como Alice, que caiu no mundo das maravilhas, nos sentimos também em queda. Mas, para qual mundo? Ainda não sabemos. Será que saberemos? Para elaborar as sensações aflitivas de perceber nossos corpos em plena queda resolvemos transportar as amigas Babi e Tobel para esse contexto de criação, como apresentadoras de um *talk show* futurístico, misturando referências visuais e formais

desde David Bowie, Brigitte Bardot e Gal Costa. A inspiração estética é o *talk show* da Love Magazine, um editorial em formato audiovisual usado para divulgar a edição impressa desta revista britânica de moda. Este projeto também contempla uma vídeo-performance a partir de dispositivos disparadores que incluem nossa revisitação de espaços da cidade nos quais transitávamos, sem qualquer preocupação vital, em situação pré-pandêmica.

Que sensações iremos rememorar? Que sensações surgirão? Que sensações nos atravessam? Este projeto traz relatos em temporalidades mistas; nas quais passado, presente e futuro não se organizam em acontecimentos consecutivos, mas sim em situações não-lineares, não-organizadas. Um ponto de referência, do qual partimos, nessa relação não-linear são situações que estão acontecendo com nossos corpos. Estamos experimentando sensações específicas antes, durante e, não sabemos ainda o que virá depois, que parecem mais a de um corpo em queda. Uma queda que ainda não cessou de acontecer em nossos corpos. Estaremos caindo em nós mesmos?

A pandemia parece deixar evidente que as estruturas econômicas e sociais, as relações interpessoais e consigo mesmo, nas quais operam dispositivos de um poder hegemônico, que marca os corpos e seus hábitos, estão em franca desconstrução. Se havia uma ingênua crença de que os governos e as empresas, com seus ricos suportes tecnológicos, teriam solução para tudo e para todos, o que um simples e invisível vírus tem nos mostrado é justo o contrário. Centenas de medicações já foram testadas contra o Coronavírus/Covid-19 e nenhuma solução segura e totalmente confiável foi encontrada até o momento. Nem mesmo a tão esperada vacina.

Nenhuma certeza no ar. Nossos corpos parecem estar divididos entre um *corpo pré-pandêmico*, um *corpo pandêmico* e um *corpo pós-pandêmico*. Não são categorias fixas, mas contemplam, entre si, nuances. Por exemplo, um *corpo pandêmico* já passou por diferentes sensações: de uma certa alegria de ficar em casa, logo no início da pandemia, com o isolamento social, depois passando por um quadro depressivo e, no caso de Babi, de real adoecimento por Covid-19. Como conviver com essas diferentes instâncias de nossos corpos? Como reconhecer essa experiência que modifica nossa relação com o mundo, aqui e agora? Como era

mesmo que vivíamos com nossos corpos antes da pandemia, com nossos *corpos pré-pandêmicos*? Como viveremos com nossos *corpos pós-pandêmicos*? Como será esse *corpo pós-pandêmico*?

No *talk show*, as VanDannLas estarão conduzindo uma especulação sobre esses corpos *pré-pan-pós-pandêmicos*, enquanto na produção da vídeo-performance Babi e Tobel revisitam os percursos antes habituais da cidade onde vivem, Fortaleza. Uma cartografia dos *corpos pré-pandêmico* em relação aos *corpos pandêmicos* será elaborada em ações performativas. Iremos deambular por pontos da cidade de Fortaleza, como: o Centro da cidade, o bairro Benfica e o Aterro da Praia de Iracema nos quais estivemos, no período pré-pandêmico, vivenciando sensações, sentimentos e afetos tais como euforia, tesão, alegria, tristeza, nostalgia e outros atravessamentos e impressões que não sabemos nomear, mas que fizeram parte de nossa vivência com esses espaços.

A partir dessa caminhada iremos analisar, por uma ótica pandêmica, o estado atual dos nossos corpos e como eles reagem a esses lugares com suas características do tempo presente, percebendo o que se reatualiza, o que já não é mais lembrado e o que possivelmente se configura - materiais, ideias, movimentações - como invenção de um *corpo pós-pandêmico*. Durante a experimentação *in loco* serão coletadas e confeccionadas amostras pandêmicas (escritos; objetos de uso diário na pandemia, como máscaras e potes de álcool gel; fotografias, áudios e vídeos; links e QRcodes; entre outros). Estes artefatos serão abrigados numa cápsula do tempo endereçados para o ano de 2031.

Essas são estratégias que lançamos para elaborar artisticamente a experiência que estamos tendo com nossos corpos nesse cruzamentos entre as situações pré, pan e pós-pandêmica. Acreditamos que nossos corpos apenas reconheceram-se em queda quando se instaurou a possibilidade da morte a partir da propagação de um vírus desconhecido. Morte clássica que nós todos conhecemos e também a morte metafórica, na qual o corpo vê a finitude de muitos dos seus conceitos e filosofias construídas. Dando-se conta de que a ciência não tem todas as soluções para as mais diferentes adversidades, sobretudo as que estão relacionadas à saúde, e também de que a globalização - antes promessa de progresso - se torna a propulsora do necessário e inevitável regresso, percebemos

que os corpos, por não saberem como se protegeriam da ameaça viral, têm a oportunidade de se reencontrarem com sensações ancestrais, em especial a de medo, que surge por necessidade de proteção e de sobrevivência.

Percebemos que o fenômeno da queda, comentada anteriormente, vem se dando desde que os corpos bateram de frente com um vírus violento e misterioso, seja de forma direta, adoecendo, seja indireta, sofrendo com as alterações do ritmo de vida cotidiano, com o confinamento, o isolamento social, o *lockdown* e a incerteza de poder retornar às ruas com segurança. Logo no início, pouco ou nada se sabia sobre o vírus, como era seu comportamento ao se instaurar no organismo humano e como ele fragilizava a imunidade do corpo até impossibilitar, em poucos dias, de alguém reagir e se curar. O alcance da contaminação do vírus foi rápida, pois ele, como um ser vivo de natureza diversa ao corpo humano, tem se mostrado bastante eficiente para se proliferar pelo mundo.

Através do Coronavírus/Covid-19, nos demos conta de que, num planeta de hábitos globalizados, uma pessoa que estava na China se conecta a outra na Europa e, esta, a outras do hemisfério sul até que, por fluxos antes não percebidos, nos fizeram, em tão pouco tempo, viver uma pandemia de escalas mundiais. Da China para o Benfca, ninguém escapa desse contágio viral. Assistimos, um tanto sem acreditar, que a onda de contaminação nos atingiria. Olhando agora a rapidez com que fomos atingidos, parece que o tempo do vírus sair da China e chegar a Fortaleza foi lento. Era como viver dentro de um filme apocalíptico estadunidense, mas, pasmem!, um filme no qual os norte-americanos não conseguiram acionar, a tempo, o panteão da sala de justiça de seus super-heróis para salvar o mundo.

Ao trazer esta escrita para um recorte local e pessoal precisamos narrar experiências na cidade onde vivemos. Nos reportamos, então, à cidade de Fortaleza, onde nossos corpos brincavam o Carnaval enquanto o novo vírus chegava. Nossos corpos estavam assustados com a ameaça vindoura. Logo os primeiros casos seriam confirmados sendo necessário a aplicação de medidas preventivas, como o isolamento social. Nos tornaríamos *corpos pandêmicos*.

Sem ainda prever as consequências, vivíamos mais um Carnaval como outros, nos quais buscávamos a experiência de um corpo solto, relaxado e também

elétrico e eufórico, como era de costume nessa época do ano. Durante a folia, desenhamos no mapa de Fortaleza muitos caminhos com nossa movimentação corporal e existencial, perdidos por bares e ruas da praia. Mal sabíamos o quanto já nos encontrávamos vulneráveis nas saunas do Centro, onde nossos corpos testavam os limites do prazer. Nessa atitude de experimentar a cidade, apesar de sentirmos o sussurro da pandemia nos nossos ouvidos, optamos por colocar nossos corpos para “jogo”, para a experiência do acaso e do divertimento, pois a incerteza de quando e se viveríamos momentos festivos novamente era latente.

Porém, em alguma dimensão, nossos *corpos pré-pandêmicos* - uma referência ao corpo existente antes de bater de frente com o vírus - já estavam travando, sentindo que algo amedrontador e limitante viria mudar radicalmente a sua forma de pensar e agir. Durante os pré-carnavais, escutamos que o vírus estava chegando no Brasil, com 5 casos suspeitos, e ali, naquele momento, nossos corpos flertavam com a possibilidade de um *corpo pandêmico*.

Ainda nos pré-carnavais, uma cena nos marcou: enquanto uma multidão - ainda completamente sem medidas preventivas ao vírus - se divertia na festa, um grupo de bombeiros que estava localizado a alguns níveis acima dos brincantes numa guarita, fazia o uso de máscaras cirúrgicas nos deixando bastante desconfiados, pois até então não havia campanhas de prevenção ao vírus, visto que, teoricamente, ele não tinha chegado em Fortaleza. No entanto, certamente ele chegara e a atmosfera de pavor iniciava sobre nós. Era final de tarde e o céu estava nublado quando estávamos voltando de outra festa às 16:55 em uma *topic* (transporte público alternativo). Travados e atentos a espirros e aglomeração, percebemos nossos corpos mudarem e ao chegarmos em casa tiramos as roupas, corremos para lavar as mãos. Preocupados, o medo, enfim, tomava nossos corpos.

Estava ali gritando o maior algoz da raça humana no período contemporâneo vivido por nós. A partir disso, entendemos, então, que a possibilidade de pensar o contemporâneo, conforme descreve o filósofo italiano Giorgio Agamben (2008), vem a partir do desconforto de um indivíduo que não consegue se adaptar ao próprio tempo. Nesse sentido, entendemos o *corpo pandêmico* como aquele que não atravessa confortavelmente a pandemia. É um corpo que percebe suas condições no aqui-agora, questionando-as e transmutando-as em possibilidades de futuro.

Seguindo o pensamento de Agamben sobre a noção de contemporâneo, podemos sentir sobre nossos rostos o facho de trevas que provém do nosso tempo, um tempo presente fraturado, no qual estamos localizados exatamente no cerne da cisão, na tentativa de perceber algo que urge de dentro do próprio tempo para reinventá-lo, para transformá-lo.

Agamben propõe, ainda, que é contemporâneo de sua época aquele que é capaz de mergulhar nas trevas de seu próprio tempo. Para nós, as trevas de nosso tempo é perceber nossos corpos em queda. Queda de conceitos, da percepção de si no mundo, da vida que já não temos mais. Em visitas exploratórias recentes, em dezembro de 2020, aos lugares descritos neste trabalho, 10 meses depois do Carnaval, nos parece evidente que a queda ainda está a acontecer. Observamos, distantes, mascarados, uma multidão reunida em plena pandemia, numa festa. As pessoas estavam sem máscara e sem os cuidados necessários para prevenção do contágio viral. Viajamos no tempo e no espaço.

Como é possível estar diante de pessoas vivendo com *corpos pré-pandêmicos* em plena pandemia, num momento em que se fala de uma segunda onda ou de um aprofundamento de uma primeira onda que nunca nos deixou? Relembramos de nossos corpos *pré-pandêmicos* no Carnaval, ainda quase ingênuos sobre as consequências das contaminações por vir. Situação diferente desses corpos em festa em situação de pandemia instalada, ultrapassando 214 mil mortos, somente no Brasil². Nos afastamos espacialmente dessas pessoas, alguns colegas e amigos, para não sermos vistos e correremos o risco de um abraço. Nos percebemos perto e longe, porém mergulhados, todos, que estamos numa pandemia mundial.

Com que recursos e estratégias artísticas podemos lidar com a incerteza e com essa fratura no tempo e no espaço? Nossos corpos são, neste momento, *pandêmicos*. Que questões podemos lançar para uma situação pós-pandemia? Que corpos estão por vir?

² Esse projeto foi entregue para análise da banca examinadora da qualificação do Projeto Experimental no dia 22 de Janeiro de 2021. Certamente o número de mortos é ainda maior no momento da leitura deste texto.

3. Justificativa: Por que Babi e Tobel estão às voltas com o pré-pan-pós?

Passeando por uma estética futurista, percebemos que, via de regra, há sempre um diálogo com o passado e também com um futuro que parece nunca se concretizar. Uma das referências artísticas que já flertava com uma certa ideia de futurismo é o artista britânico David Bowie, que, nos anos 1970, com suas letras, música, performance e figurino trabalhava diretamente com especulações de um possível futuro. Um futuro que, em 2021, sabemos que ainda não se tornou realidade. Com roupas coloridas, brincos extravagantes e saltos plataformas, a legendária persona Ziggy Stardust, nos apresenta uma versão artística de Bowie como um alienígena que veio do seu planeta natal e se apaixona por rock ao ponto de produzir um álbum narrando sua experiência na Terra e idealizando um corpo do futuro.

Nesse suposto futuro inventado por Bowie, ser homem ou mulher certamente não é algo relevante, o que pode ser percebido pelas vestes andrógenas, que misturam elementos socialmente marcados como femininos ou masculinos. Apesar de anunciar essa mistura de gêneros, com o decorrer dos anos o que temos visto são comportamentos arcaicos que insistem em reproduzir e reforçar, nas relações sociais, a dicotomia dos gêneros. Portanto, apesar de Ziggy Stardust ter lançado a figura de Bowie como uma referência que vinha para mudar as relações entre as pessoas, e delas com a sociedade e também a própria estrutura social e política relativa ao sexo, ao uso de drogas e ao comportamento/costumes, o que dava ao cantor um *status* de visionário, esse processo foi interrompido. Apesar da estética psicodélica, andrógina e glamourosa do *glam rock* (rock com glamour), centrada na figura de David Bowie parecer ultrapassada, as questões lançadas por este movimento nos parecem extremamente atuais, inclusive para especularmos um possível futuro para um *corpo pós-pandêmico*.

Outra artista que tem relevância na atmosfera futurística e especulativa do nosso projeto, e que nos dá suporte para o desenvolvimento artístico-conceitual que pretendemos, é a cantora baiana Gal Costa. Figura emblemática do movimento artístico, dos anos 1970, nominado como Tropicália, Gal Costa trouxe elementos sonoro-vocais considerados, até então, estranhos à música brasileira, como gritos, berros e gemidos. Essas sonoridades contêm, para nós, especulações de um futuro

estético-sonoro inovador e ainda não concebido pelos artistas do Brasil, sobretudo por ser uma proposta musical imediatamente posterior, e até contemporânea, à cultura bossanovista - esta última marcada por um canto manso.

O movimento tropicalista misturou uma série de referências até então inéditas. Valeu-se da psicodelia norte-americana mesclada, de modo inusitado, com os ritmos nordestinos brasileiros, com suas violas e sanfonas, e também da bossa-nova. O tropicalismo e Gal, sua mais forte presença feminina, ousaram misturar referencialidades de diferentes tempos. Da ancestralidade da dita cultura popular à contemporânea guitarra elétrica. Passado e presente que, juntos e misturados, pareciam anunciar, em meio à ditadura militar brasileira, um futuro plural para o país. No entanto, um futuro que não pôde continuar a se inventar por conta dos empecilhos impostos pela censura do governo militar em curso nos anos 1970, que cerceou as múltiplas ações artísticas que desejavam criar esse mundo tão diverso que estava sendo experimentado e que poderia ter criado um outro mundo que, acreditava-se, estava por vir.

Aproximamos da nossa pesquisa, por fim, e quase numa atitude de vandalismo criativo, a referência da música *Contact* escrita pelo compositor francês Serge Gainsbourg e interpretada por Brigitte Bardot. O protagonista desta letra de Gainsbourg sofreu um acidente no qual um meteorito perfurou seu coração e implora por contato com algum outro ser a fim de obter um tipo de ajuda médica para ser salvo. Sua vida dependeria desse contato que faria seu coração reestabelecer suas forças. A música, lançada na década de 1960, estava vibrando na atmosfera de sua época, a qual trazia o desejo deslumbrado de se alcançar as estrelas, outros planetas e possivelmente fazer contato com seres extraterrenos - esta foi a década na qual o “homem” teria chegado à Lua. Em outras palavras, a canção traduzia o sentimento de entusiasmo das pessoas que imaginavam estar próximas de um futuro que tanto havia sido fabulado.

Atravessando o tempo cronológico e transfigurando as ideias futurísticas, aqui expostas, para o contexto atual, de uma pandemia que se arrasta de 2020 para 2021, período de nossa pesquisa, nos perguntamos qual tipo de contato com outros seres se faz necessário para podermos vislumbrar um novo horizonte, um outro futuro possível. Diante de tantas complexidades, que movimentos exploratórios

precisamos lançar mão a fim de inventar uma nova maneira de existir enquanto ser vivente? Nos perguntamos se as respostas estariam abrigadas em tempos e espaços nos quais ainda não chegamos. Tais respostas estariam mesmo guardadas em outros planetas, outras galáxias ou dispostas nas tecnologias de ponta? Por que parece ser tão mais fácil especular em outras galáxias, alimentando a ideia de que haverá um mundo para onde poderemos nos mudar quando este acabar, e é tão difícil se concentrar em um invisível vírus que habita a nossa natureza e que está em vias de eliminar a natureza humana da Terra? Como então, diante deste vírus, que impõe restrições para os contatos humanos, pensarmos que serão os contatos entre os seres que irão salvar nossos corações? O que será do nosso futuro?

O vírus da Covid-19 parece ter surgido para tentar nos alertar de que é justo a conexão do humano com a natureza que precisa ser salva. Uma conexão que foi rompida quando a espécie humana, estranhamente, passou a se considerar superior em relação à toda vida no planeta. E, pior, por vários fatores sociais, religiosos e intelectuais, o ser humano não só se mostrava separado e ou superior a toda gerência natural da vida, como também criou hierarquias entre os próprios seres de sua espécie. Há humanos que são pretensamente mais humanos do que outros, a depender da sua condição financeira, de seu gênero, sua raça, etnia e se seus corpos atendem, ou não, a uma certa padronagem socialmente enfatizada.

Esse é paradoxo do vírus. Ele pode atacar e eliminar humanos de qualquer condição. Assim, pensando numa outra via de conexão entre o humano e a natureza, acreditamos ser preciso reconhecer que nós fazemos parte de uma estrutura bionatural interdependente e nos parece ser necessário aprender a trabalhar em conjunto com a natureza. É preciso tentar um novo contato que permita que nossos corações possam reestabelecer suas forças. A pandemia parece ter vindo nos mostrar que a pretensa separação entre o humano e a natureza e, também, a pretensa sobreposição do humano em relação às outras espécies existentes não nos dá uma perspectiva de futuro.

Para se julgar superior à natureza, o ser humano contou com argumentos de crenças religiosas e logo com o aval social. Há várias passagens bíblicas, que reforçam a falsa superioridade humana, como aquela bastante conhecida de que o “homem” foi feito à imagem e semelhança de Deus. Desse modo, nessa cultura

centrada no Cristianismo, é dado a esse “homem” o poder de governar acima de todas as espécies existentes. O corpo humano passa a ser observado pela ótica desse fragmento bíblico e, então, a ser pensado como um corpo superior que faz, desfaz, destrói, finge que reconstrói e assim por diante.

A pandemia tem impactado nossos corpos, sobretudo a possibilidade dos contatos presenciais. Os artistas da dança têm sofrido diretamente esse impacto, principalmente por esta linguagem artística ser uma área de conhecimento marcadamente organizada em torno da presença dos corpos num mesmo tempo e espaço. Assim, a pandemia interrompeu o fluxo de nossas conexões e impôs uma reinvenção de nossas maneiras de estar junto. Vemos os artistas se encontrando entre si e com seu público por meio de *lives*, videodanças, vídeo-performances, fazendo uso do mundo cibernético para buscar aproximações, conexões, relações, contatos.

Nunca o corpo foi tão *online* como é no agora. Com a pandemia, os telefones móveis com avançados recursos tecnológicos (com acesso a exibição de vídeos, mensagens instantâneas, câmeras, aplicativos) ganharam ainda mais protagonismo na comunicação remota entre as pessoas, não sendo uma mera ferramenta utilitária, mas um membro, uma prótese, que já é parte da nossa estrutura corporal. A noção de um *corpo pandêmico*, que estamos lançando como hipótese dessa pesquisa, parece funcionar como um ciborgue, sendo uma mistura de maquinário e organicidade, parte de uma realidade social e ao mesmo tempo de uma ficção, tal como Donna Haraway define a ideia de ciborgue (1985).

E que corpo é esse que tem de se manter quente e ativo por dentro de câmeras, fios e telas? Como ativar a mesma qualidade de conexão que havia entre as pessoas - entre os artistas e seu público - no modo presencial? É possível? Como criar outras intensidades? Estamos aqui nos reinventando e descobrindo como lidar com essa atual realidade que parece fazer nossos corpos pandêmicos dialogarem com os atuais suportes e, ao mesmo tempo, se conectar com uma ancestralidade bionatural. Essa relação entre natureza e tecnologia nos leva a vislumbrar o que a pesquisadora Fabiane M. Borges nomeia de *ancestrofuturismo*. Segundo a autora,

interessa ao ancestrofuturismo conceitos que trabalhem com outras noções de tempo e história e que ressignifiquem a suposta linearidade entre passado e futuro, ou seja, desconstruam a ideia de tempo e de história vertical (que iria do arcaísmo em direção ao futuro) a fim de horizontalizar essa perspectiva (BORGES, 2016, s/p).

Quando pensamos numa articulação entre diferentes temporalidades históricas, como os anos 1960 e 1970, com suas especulações sobre o futuro, quando agora, em 2021, vivemos um futuro inimaginável para David Bowie, Brigitte Bardot, Gal Costa e até mesmo Aldous Huxley, e quando propomos uma experimentação artística que passeie por *corpos pré-pandêmicos*, *pandêmicos* e que fabulam a respeito de *corpos pós-pandêmicos* o que queremos é ampliar espaços de afeto, sensação e experiência para criação de novos humanos e novos mundos (BORGES, 2016), a partir de uma ação performativa.

4. Recorte do problema: especulações-performativas VanDannLas

Investigar os comportamentos e as sensações de nossos corpos antes, durante e depois da pandemia do Coronavírus/Covid-19 através de nossas vivências com determinados espaços e trajetos na cidade de Fortaleza. Esta pesquisa tem como foco os períodos pré-pandêmico e pandêmico, num recorte temporal de janeiro de 2020 a março de 2021 e observa como nossos corpos se comportaram/têm se comportado e como reagiram/têm reagido a esse fenômeno de escala mundial que nos afeta e, ainda, especula como se comportarão na pós-pandemia.

Nesta pesquisa, pretendemos especular, por meio de ações performativas, os modos pelos quais nossos corpos têm vivido a pandemia e como continuarão existindo na era pós-pandêmica. Essa especulação será feita através de uma vídeo-performance que vai ficcionalizar e inventar possibilidades que permitam aos nossos corpos uma reflexão artístico-performativa em torno dos tempos passado, presente e futuro. Assim, vamos produzir um vídeo-performance que terá dois momentos que se atravessam: um *talk-show* com as VanDannLas (as personas Babi e Tobel), intercalado com performances realizadas em certos trajetos

revisitados da cidade de Fortaleza. As visitas *in loco* serão registradas em vídeos e isso nos auxiliará tanto na investigação corporal como no exercício especulativo em torno das noções que estamos criando de *corpos pré-pan-pós pandêmicos*. Os vídeos também irão ser material de criação do vídeo-performance final a ser apresentado como resultado do trabalho de conclusão de curso.

Os espaços que estamos revisitando e que seguiremos revisitando durante a pesquisa são pontos de Fortaleza que faziam parte de nosso trajeto habitual, portanto são percursos afetivos, tais como Aterro da Praia de Iracema, imediações da Praça da Gentilândia (Benfica), trecho da Avenida Dom Manuel, ladeira das imediações do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), entre outros a serem definidos.

Os horários de visita e pesquisa escolhidos para nossas ações performativas são os de final da noite e início de madrugada, como forma de evitar aglomerações e de tornar a pesquisa mais segura em termos sanitários, bem como porque as situações vividas no período pré-pandêmico que queremos visitar aconteceram predominantemente nesse intervalo de horário.

Perguntas que atormentam as VanDannLas no reino do pré-pan-pós em nossos trajetos especulativos e artísticos:

- Será que nossos corpos inventarão novos mecanismos para lidar com a desestruturação que a pandemia tem provocado em nós?
- Com a queda de alguns conceitos filosóficos, sociais e científicos durante a pandemia, será que o vírus Covid-19 seria um mestre para os nossos corpos diante de momentos de crise com essa dimensão planetária?
- Será que seremos capazes de nos preparar para quedas futuras?
- Se tivéssemos a consciência que somos natureza seriam nossos corpos pandêmicos?
- Como a associação entre futurismo e ancestralidade - o *ancestrofuturismo* - podem nos ajudar a transmutar os corpos para um mundo por vir?

- Os corpos que costumam se pôr em situações variadas de dança souberam lidar melhor com as restrições socialmente exigidas, tais como o isolamento social, o lockdown e o distanciamento mínimo seguro quando em coletivo, durante a pandemia?
- As artes do corpo estariam dispostas a ampliar seus territórios e seus métodos a fim de dar conta das necessidades de um *corpo pós-pandêmico*?
- De que maneira podemos documentar as experiências vividas no período pandêmico a fim de fornecer material de pesquisa, de referência, de suporte para a era pós-pandêmica?
- Como a arte pode mobilizar os corpos para enfrentar esse momento em que muitos de seus modos de lidar consigo e com o mundo caíram por terra, como sair de casa, fazer compras no supermercado, encontrar amigos?
- Que tipo de conhecimento sobre nossos próprios corpos estamos sendo capazes de elaborar?

5. Objetivos: O que querem as VanDannLas?

Geral

Investigar os comportamentos e as sensações de nossos corpos antes, durante e depois da pandemia do Coronavírus/Covid-19 através de nossas vivências com determinados espaços e trajetos na cidade de Fortaleza. Para isso, estamos considerando a seguinte categorização: *corpo pré-pandêmico*, *corpo pandêmico* e *corpo pós-pandêmico (pré-pan-pós-pandêmico)*. Nesta pesquisa, pretendemos especular, por meio de ações performativas, os modos pelos quais nossos corpos têm vivido a pandemia e como continuarão existindo na era pós-pandêmica. Essa especulação será feita através de uma vídeo-performance que vai ficcionalizar e inventar possibilidades que permitam aos nossos corpos uma reflexão artístico-performativa em torno dos tempos passado, presente e futuro. Assim, vamos produzir um vídeo-performance que terá dois momentos que se atravessam: um *talk-show* com as VanDannLas (as personas Babi e Tobel),

intercalado com performances realizadas em certos trajetos revisitados da cidade de Fortaleza.

Específicos

- Elencar pontos específicos da cidade que já vividos em situação pré-pandêmica e que estão sendo revisitados em situação pandêmica, tais como: Aterro da Praia de Iracema, imediações da Praça da Gentilândia (Benfica), trecho da Avenida Dom Manuel, ladeira das imediações do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), entre outros a serem definidos.

- Revisitar, em atitude especulativa, exploratória e performativa tais pontos específicos da cidade e perceber de que maneiras nossos corpos são configurados no tempo presente, reconhecendo, neles, as diferentes forças que os impulsionam ao movimento como possibilidades dança/performance. Tais ações têm como objetivo identificar os diferentes estados de presença conforme o tipo de situação e de espaços da cidade elencados para a investigação;

- Mapear sensações, sentimentos e afetos nos nossos corpos que foram e estão sendo vivenciados nos períodos pré-pan-pós-pandêmico, em especial os aspectos reincidentes, formando uma paleta de vivências *pré-pan-pós-pandêmicas* que se tornem chaves de investigação;

- Especular performativamente hipóteses sobre como os corpos irão vivenciar a era pós-pandêmica: como serão os *corpos pós-pandêmicos?*;

- Produzir, a partir de registros em vídeo e de ações performativas, um vídeo-performance que intercala momentos de um *talk-show* com as VanDannLas e imagens das ações performativas nos espaços específicos revisitados durante a pesquisa;

- Coletar e confeccionar amostras da era pandêmica do Coronavírus/Covid-19, dentre as quais: escritos; objetos de uso diário na pandemia, como máscaras e potes de álcool gel; fotografias, áudios e vídeos; links e QR Codes; entre outros. Estes artefatos serão abrigados numa cápsula do tempo endereçados para o ano de 2031.

6. Metodologia: Babi e Tobel em VanDannLismos criativos

Esta pesquisa acontece a partir da análise do período pré-pandêmico e do período pandêmico do Coronavírus/Covid-19, num recorte feito a partir de janeiro de 2020 a março de 2021, portanto observa como nossos corpos se comportaram/têm se comportado, como reagiram/têm reagido aos fenômenos da pandemia e especula que corpos estão por vir. As especulações artístico-performativas que faremos em torno de um futuro pós-pandêmico serão elaboradas através de estratégias investigativas em arte operando com uma metodologia de pesquisa exploratória, considerando que a própria composição da vídeo-performance é em si parte do processo de criação.

Tendo em vista a observação de três momentos de nossos corpos diante da pandemia - *corpo pré-pandêmico*, *corpo pandêmico* e *corpo pós-pandêmico* - e como reagem aos eventos externos e internos de um momento nunca antes vivido por nossa geração, esta pesquisa terá como abordagem metodológica a pesquisa experimental e processual, pois estaremos atentos aos movimentos de invenção e criação em todas as etapas de nosso processo, quando situações e elaborações artísticas serão feitas, refeitas, editadas e selecionadas para a etapa final do trabalho de conclusão de curso. O nosso processo de pesquisa e criação é tão importante quanto a elaboração final do vídeo-performance que iremos compor. Essa abordagem permitirá o surgimento de nossos desejos de prática em dança e em performance por meio de uma atitude especulativa a partir de certos elementos disparadores para a criação: vestimentas e músicas ambientadas nos anos 1970 e trajetos por espaço específicos da cidade de Fortaleza, antes frequentados por nós.

Tal viés metodológico tem uma dinâmica de criação que dialoga com a *crítica de processo* da pesquisadora Cecília Almeida Salles. A autora entende as obras processuais como obras em permanente inacabamento, caracterizadas por formas que se transformam e que se compõem tendo como lógica própria de criação a mobilidade e a interação (SALLES, 2006). Para ela, um processo de criação que resulte num formato provisório (a exemplo de um *work in progress*) tem o mesmo *status* de uma criação considerada acabada e finalizada, fixada num determinado formato. Nesse sentido, a metodologia da *crítica de processo* parece ser um suporte conceitual para nossa pesquisa por tonificar as questões levantadas por

nós, pois em situação de processo vemos nossa obra acontecer num “aqui e agora” que é contínuo e que talvez não se estabilize no tempo, mesmo que resulte um formato a ser apresentado como trabalho de conclusão de curso.

Nos demos conta do caráter transitório e inacabado de nosso processo de criação quando fizemos uma visita exploratória em um dos trajetos elencados para esta pesquisa. Ao visitar um bar no bairro Benfica, em dezembro de 2020, nos demos conta de que há variadas nuances para a noção de *corpos pandêmicos* que estávamos considerando no início da pesquisa. No trajeto para o bar, nossos *corpos pandêmicos* estavam num certo estado de alerta, conectados às questões sanitárias trazidas pela pandemia, como distanciamento social, uso de máscaras, álcool em geral e, sobretudo, o não-contato com nenhum outro corpo humano. Embora esperássemos percorrer ruas e lugares vazios, nos deparamos com várias pessoas frequentando o referido bar, sem o uso de máscaras e aglomeradas, como se o mundo em que vivêssem fosse diferente do que Babi e Tobel estavam vivendo.

Nossa reação foi ficar distante observando nossos corpos atônitos e surpresos: queríamos nos misturar, mas tínhamos medo. Eles estavam misturados pareceriam não ter medo algum de contaminações que pudessem colocar em risco a vida de seus corpos. Entendemos, com esse exemplo, que a dinâmica que caracteriza nossa investigação é a crítica de processo, na qual Cecilia Almeida Salles destaca que são passagens que se dão por mobilidade, interação e metamorfose. Nesse caso, ao supor uma situação em que os espaços estariam vazios e nos depararmos com uma circunstância em que inúmeras pessoas ocupam massivamente uma rua, percebemos que nossa obra está em constante movimento, pois a mesma precisa se reorganizar a partir dessa quebra de expectativa, atentando-se também para o fato da existência de vários tipos de *corpos pandêmicos* vivendo o momento contemporâneo de outros modos.

Percebemos, portanto, a importância de um processo que se faz e se refaz pois o mesmo se mistura com a própria obra e a influencia diretamente. Desse modo, parece ser necessário lidar, ao longo de todo o processo, com a possibilidade de metamorfoses artísticas convocadas por esse modo de fazer no qual obra e processo estão em relação constante. Junto a isso, consideramos que o que estamos propondo é uma criação que tem características performativas na medida

em que temos um programa performativo, com os trajetos de revisitações de espaços da cidade, porém não sabemos como os nossos corpos e as situações por eles vividas irão acontecer.

Sendo assim, o nosso processo de criação se constituirá na relação de nossos corpos com as situações do mundo. Estaremos percorrendo ruas e bares e percebendo movimentações cotidianas de nossos e de outros corpos como parte de nosso processo de criação. Não haverá ensaio de ações, elas se darão no momento em que estivermos no campo de pesquisa, portanto entendemos que estamos atuando a partir de uma dinâmica processual e também performativa. Acreditamos que haverá uma relação constante entre arte e não-arte. A partir dessa atitude performativa iremos adensar as diferenças sensoriais e subjetivas implicadas nas noções de *corpos pré, pan e pós-pandêmicos*.

Tal atitude nos parece estar em consonância com o pensamento da performer e pesquisadora carioca Eleonora Fabião que, no texto *PROGRAMA PERFORMATIVO: CORPO-EM-EXPERIÊNCIA*, diz:

Uma prática de criação de corpo que só pode acontecer no confronto direto com o mundo; e ainda, uma prática de criação de mundo que só pode nascer do confronto direto com o corpo. Uma prática “acutilante” e humorada que chacoalha a separação entre arte e não-arte. Que lança o corpo do artista na urgência do mundo e a urgência do mundo no regime de atenção artístico. Uma prática do não ensaio. Um elogio à determinação do agente e à indeterminação da vida (FABIÃO, 2013, p. 10).

A realização dessas visitas como ações artístico-investigativas e performativas em interação com os espaços da cidade de Fortaleza serão registradas em suportes diversos, tais como: diário de bordo, fotografias e gravação de conversas em áudios e vídeos. Essas ações, que poderão surgir com movimentos vindos da rememoração das sensações e sentimentos mapeados, estarão em diálogo com textos auxiliares selecionados no decorrer desta pesquisa e farão interligações com as reflexões aqui descritas.

7. Cronograma:

Mês 1 - Dezembro/2020:

Ação 1 - Experimentação performativa no Centro da Cidade, no bairro Benfica.

Ação 2 - Escrita de um roteiro inicial para o *Talk show* com As VanDannLas

Mês 2 - Janeiro/2021 (em andamento):

Ação 1 - Visitas especulativas de trajetos a serem revisitados na ação performativa.

Ação 2 - Início de seleção de materiais para a construção de uma cápsula do tempo para envio de cartas e objetos para a era pós pandêmica.

Mês 3 - Fevereiro:

Ação 1 - Gravação de vídeo-performances em espaços definidos, registros em fotografias que documentam, através de imagens, os percursos da pesquisa.

Ação - Elaboração do texto de suporte apresentando as ideias e conceitos da pesquisa.

Mês 4 - Março/2021:

Ação 1 - Edição da vídeo-performance associando imagens do *talk show* com as performances em espaços de Fortaleza.

Ação 2 - Apresentação da vídeo-performance.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

AGAMBEN, GIORGIO. **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BORGES, Fabiane M. ANCESTROFUTURISMO – Cosmogonia livre & Rituais faça você mesmo. In: **Tecnoxamanismo: Clínica Social para o Futuro**. Disponível em: <https://tecnoxamanismo.wordpress.com/2016/05/15/ancestrofuturismo-cosmogonia-livre-rituais-do-it-yourself/>. Acessado em 21 de Janeiro de 2021.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: O corpo-em-experiência. **Revista do Lume**, n 4, dez 2013, pp. 1-11.

HARAWAY, Donna J. Manifesto for Cyborgs: Science, Technology, and Socialist Feminism in the 1980s. In: **Socialist Review**, nº 80, 1985, pp. 65-108.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação**. Construção da obra de arte. São Paulo: Horizonte, 2008.

Videográficas e sonoras

Música: Contact. Cantor (a): Brigitte Bardot. Compositor: Serge Gainsbourg. Ano: 1968. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1SE_K7SSDKg. Acesso em 21 de Janeiro de 2021.

Entrevista: Russel Harty entrevista David Bowie em 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-M6J3GC6GVk>. Acesso em 21 de Janeiro de 2021.

Jean-Michel Jarre: Oxygen 1. Lançamento: 1976. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sj7A8SX7ccl>. Acesso em 21 de Janeiro de 2021.

Gal Costa: Meu Nome é Gal - Ao Vivo - 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pZ5EvkDVBCc>. Acesso em 21 de Janeiro de 2021.

Editorial: Rami Malek Stars in The Ben Cobb Show by Call This Number. Produzido por Love Magazine. Ano: 29/07/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-vA4gtKVN5E&t=656s>. Acesso em 21 de Janeiro de 2021.